

A Astúcia da Consciência Cínica: Contribuições para a Crítica da Ideologia em Estudos Organizacionais

Autoria: Caio Motta Luiz de Souza, Marcus Vinicius Peinado Gomes

Resumo:

O objetivo do presente ensaio é discutir uma forma diferente de manifestação da ideologia e seus impactos para o desenvolvimento da crítica da ideologia e dominação nas organizações. Via de regra, os estudos que lidam com ideologia trabalham com a definição de um conjunto de valores e crenças que visa à manutenção de uma determinada ordem social que ocultam os elementos que a ameaçam e lhe são inerentes. No entanto, a partir de uma leitura de autores como Peter Sloterdijk, Slavoj Žižek, e da tradição da Escola de Frankfurt, podemos abstrair um mecanismo diferente de funcionamento da ideologia: o Cinismo. O ensaio apresentará os movimentos teóricos envolvidos no desenvolvimento desta concepção de ideologia e, buscará evidências do uso da ideologia cínica na produção brasileira buscando ilustrar a potencialidade deste conceito e, principalmente, estimular o debate sobre sua relevância para a Teoria Crítica em Estudos Organizacionais.

Corpo do texto:

*Mesmo o mais corajoso de nós raras vezes tem
a coragem para o que realmente sabe...*

Nietzsche

INTRODUÇÃO

Este ensaio tem como objetivo discutir uma forma diferente de manifestação da ideologia e seus impactos para o desenvolvimento da crítica da ideologia e dominação no campo da Teoria Crítica em Estudos Organizacionais. Tradicionalmente balizados na concepção de ideologia como "um conjunto de valores e crenças que visa à manutenção de uma determinada ordem social, ocultando os elementos que a ameaçam e lhe são inerentes" (MOTTA, 1992: 39, Ênfase Nossa) os pesquisadores críticos da área de administração fizeram boas análises das condições de dominação nas organizações contemporâneas. No entanto, a partir de uma leitura de autores como Peter Sloterdijk, Slavoj Žižek, e da tradição da Escola de Frankfurt, podemos abstrair um mecanismo diferente de funcionamento da ideologia: o Cinismo.

A alteração fundamental que é colocada em operação por essa estrutura cínica é que apesar dos sujeitos serem esclarecidos sobre os conteúdos ideológicos, os interesses particulares que sustentam argumentos universalizantes, mesmo assim continuam a aceitar essa pretensa universalidade, mantendo-se inseridos na lógica corrente.

Aqui não se tratará de uma obsolescência do mecanismo de funcionamento que normalmente é objeto da crítica da ideologia, mas da apresentação uma forma diferente de manifestação ideológica que pode trazer novos enfoques para área os Estudos Organizacionais. Para isso serão apresentados os movimentos teóricos envolvidos no desenvolvimento desta concepção de ideologia e observando evidências do uso da ideologia cínica na produção brasileira, para ilustrar a potencialidade deste conceito e, principalmente, estimular o debate sobre sua relevância para a Teoria Crítica em Estudos Organizacionais.

IDEOLOGIA E CINISMO

Ideologia é um conceito fundamental da teoria marxista, desde as primeiras formulações de Marx e Engels na crítica ao movimento dos novos hegelianos na Sagrada Família, passando à relação com a ‘câmara obscura’ na *Ideologia Alemã*, os *Manuscritos Econômicos-filosóficos*, até o fetichismo da mercadoria no *Capital*. Em cada um destes movimentos a teoria se desenvolveu, porém para além dos trabalhos de Marx (ou Marx e Engels) outros estudiosos se debruçaram sobre esta questão, como é o caso de Lukács, Gramsci, e a tradição filosófica da Escola de Frankfurt, todos colocando a questão da ideologia no cerne de seus estudos.

É difícil definir quando esta idéia começou a circular no campo da administração, mas o fato é que os Estudos Organizacionais adotaram esta noção marxista. No Brasil, antes mesmo da fundação da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração em 1976, já havia trabalhos publicados em periódicos da área que discutiam ideologia, por exemplo, o clássico de Maurício Tragtenberg *A Teoria da Administração é uma Ideologia*, publicado em 1972.

Fora do Brasil, a popularidade do conceito na sua vertente marxista parece ter sido impulsionada na década de 1980 pela emergência do “*corporate culturism*” e talvez, no caso do Reino Unido, pelas reformas universitárias de Thatcher quando diversos acadêmicos de campos como a sociologia buscam abrigo em escolas de *Management*. No entanto, só na década seguinte tivemos o surgimento de uma seção no campo de administração que trataria especificamente de perspectivas teóricas ‘críticas’, conseqüentemente, os trabalhos na área proliferaram e os estudos sobre ideologia ganharam mais espaço.

Durante o último século falou-se muito sobre ideologia e atualmente parece que seu significado é senso comum, ou até mesmo um conceito somente adequado para estudos “à moda antiga”, que está ultrapassado com a onda pós-moderna. Ora, se não há verdade, como pode ela estar invertida ou oculta? Outros argumentam uma espécie de ‘fim da ideologia’, muito ligado aos argumentos sobre o ‘fim da história’, uma homogeneização cultura com a aceitação do capitalismo de mercado e dos valores democráticos, algo que representaria o alcance de uma espécie de telos hegeliano (FUKUYAMA, 1992). Estas leituras, na verdade, parecem só aprofundar a necessidade de uma crítica da ideologia.

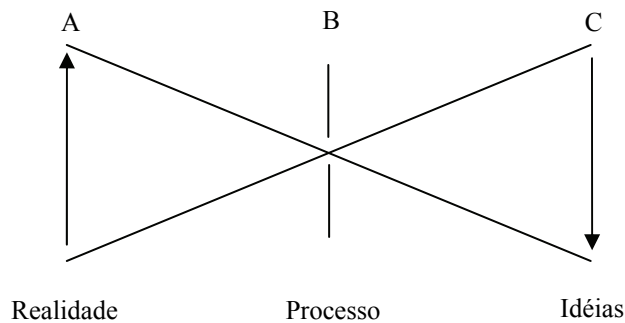
Mas o conceito de ideologia não é trivial, a partir da leitura dos vários teóricos que colocaram o conceito de ideologia em operação podemos encontrar vários matizes, vicissitudes que são adicionadas a cada desenvolvimento teórico e pelo diagnóstico das mudanças históricas da sociedade. Assim, este trabalho argumenta que o debate conceitual sobre ideologia deve ser estimulado para identificar as diversas possibilidades de aplicação do conceito auxiliando os pesquisadores a utilizarem de forma profícua as potencialidades deste conceito para os Estudos Organizacionais no campo da administração.

O conceito de ‘Ideologia’ que interessa a este trabalho foi forjado dentro do materialismo histórico, uma tradição teórica na qual o conflito entre o explorador e o explorado estreitamente ligado ao surgimento, desenvolvimento e queda dos modos de produção, assim, as análises ligadas a essa tradição teórica sempre estão ligadas a um diagnóstico das condições de produção e reprodução da sociedade.

As proposições iniciais sobre o conceito surgiram nas primeiras obras conjuntas de Marx e Engels, *A Sagrada Família* e *A Ideologia Alemã*. A primeira é a reação sarcástica a uma espécie de nihilismo dos novos hegelianos que consideravam “tudo o que é real, tudo o que é vivo é acrílico, massivo e, portanto, ‘nada’, ao passo que apenas as criaturas ideais e

fantásticas da Crítica crítica são ‘tudo’”(MARX & ENGELS, 2003 [1844]: 29). Aqui já podemos identificar o gérmen do desenvolvimento do conceito, pois é uma inversão clara do materialismo, para o qual as idéias são construídas socialmente, isto é, a vida não é determinada pela consciência humana, mas a consciência pela vida. Na segunda obra citada, os autores continuaram sua crítica a esse tipo de filosofia e aplicaram a famosa metáfora da *câmara escura* para ilustrar o resultado do processo ideológico: a inversão da sociedade e dos acontecimentos históricos impressa nas idéias.

Figura I



Fonte: EAGLETON, 1994

Adiante na obra marxiana, o conceito voltaria a surgir de forma indireta, porém poderosa, em uma das passagens mais citadas e trabalhadas do *Capital*: ‘o fetichismo da mercadoria: seu segredo’. O trabalho social – e a desigualdade proveniente da mais-valia – envolvido na produção das mercadorias é oculto pelo processo de troca mediado pelo dinheiro, assim, este segredo guardado dentro de cada mercadoria permanece distante do conhecimento dos indivíduos.

”o que é verdadeiro apenas para essa determinada forma de produção, a produção de mercadorias – a saber, que o caráter social específico dos trabalhos particulares, independentes entre si, consiste na identidade deles como trabalho humano e assume nos produtos a forma valor –, parece aos produtores de mercadorias tão natural e definitivo (...) quanto o ar” (MARX, 2002[1867]: 96).

Esta parte da obra marxiana é uma espécie de ‘sopa primordial’ das análises de conceitos relacionados à ideologiaⁱ como alienação, reificação e falsa consciência. A diferença entre ideologia e falsa consciência é que a última é resultado dos processos de controle criados por meio da ideologia e reproduzidos pela cultura (ou sociedade). Para Lukács, essa falsa consciência impedia proletário de ter ciência da dominação na sociedade. “A história ideológica da burguesia não é senão uma luta puramente desesperada contra a compreensão da verdadeira natureza da sociedade por ela produzida, contra sua real posição de classe.” (LUKÁCS, 1975[1923]: 72).

Desta forma, o *modus operandi* da crítica da ideologia era desvelar os interesses particulares que se pressupõem universais. O crítico parte do pressuposto que o sujeito é ingênuo em relação à ideologia (alienado) e, assim, sua tarefa era apenas deflagrá-la, pois ao escancarar a manobra ideológica, o espaço para mudança se abriria, já que o sujeito tomaria consciência da situação de dominação na qual se encontrava, uma vez que os interesses que ele defendia

como universais, na verdade favoreciam a manutenção do *status quo* e sua condição de sujeição.

Essa visão altera-se a partir da leitura da Escola de Frankfurt. Os trabalhos desta linha teórica partiram de um diagnóstico marxista, bem representada pelos direcionamentos de Horkheimer para o Instituto de Pesquisa Social no texto *Teoria Tradicional e Teoria Crítica* (1989[1937]). As idéias desenvolvidas por Horkheimer estavam baseadas no argumento de emancipação da sociedade está dentro da forma de organização social sob a forma de tendência de desenvolvimento, e propõe que: (i) a orientação para a emancipação é dada pela possibilidade de entender a sociedade em seu conjunto e; (ii) o intelectual tenha um *comportamento crítico* frente a sociedade:

“A separação entre indivíduo e sociedade, em virtude da qual os indivíduos aceitam como naturais as barreiras que são impostas à sua atividade, é eliminada na teoria crítica, na medida em que ela considera ser o contexto condicionado pela cega atuação conjunta das atividades isoladas, isto é, pela divisão dada do trabalho e pelas diferenças de classe, como uma função que advém da ação humana e que poderia estar possivelmente subordinada à decisão planejada e a objetivos racionais. Para os sujeitos do comportamento crítico, o caráter discrepante cindido do todo social, em sua figura atual, passa a ser contradição consciente.”(HORKHEIMER, 1989[1937]: 44).

No entanto, a “clivagem crescente entre a teoria e a prática, entre os temas e os destinatários potenciais da teoria, levou a um questionamento fundamental da própria crítica da economia política”(BENHABIB, 1996: 76). Sob forte influência da Segunda Guerra Mundial, da derrotas do fascismo sobre os partidos e movimentos proletários e, pela constatação do fracasso da experiência socialista sob Stalin na União Soviética, Adorno e Horkheimer fizeram um diagnóstico que apontava para um fechamento das possibilidades de emancipação pela razão instrumental que se apresentava diluída em uma sociedade ocidental regredida. A filosofia frankfurtiana que emergiu nesse período apontava para um modelo de crítica que não acreditava mais no sujeito histórico (proletariado) de Lukács. A ligação entre a teoria de propósito emancipador (Teoria Crítica) e consciência empírica da classe (consciência do proletariado da sua condição de explorado que levaria a revolução) como agente de transformação desta emancipação é quebrada. Essa concepção apareceu com maior destaque na *Dialética do Esclarecimento* (1985[1947]) que foca sua crítica na direção tomada pela razão que conduziu a humanidade à barbárie do nazismo, argumentando que a idéia de substituição da imaginação pelo saber, ou a superação do mito pelo esclarecimento, promessa do esclarecimento de Kant (KANT, 1974[1784]) não se realizou.

Se na tradição do esclarecimento, a crítica da ideologia representa a denúncia da idéia falsa da realidade, uma universalidade promovida por interesses particulares, que pela sua denúncia emanciparia a sociedade, a partir da *Dialética do Esclarecimento* este resultado não era mais certo. A dialética do esclarecimento “é tão racional quanto irracional: racional, na medida em que torna consciente a idolatria; irracional, ao voltar-se contra seu próprio objetivo, o qual só está presente onde não precisa se justificar diante de instância alguma, ou mesmo diante de intenção alguma: não há felicidade sem fetichismo.” (ADORNO,1992[1951]: 105). Assim, podemos compreender alguns argumentos que são desenvolvidos pelos autores, um esforço para lançar luz sobre as funções de determinados mecanismos na manutenção da dominação.

Estes argumentos são fundamentais para o desenvolvimento de um mecanismo diferente de manifestação da ideologia.

No texto *A Indústria Cultural* há uma crítica ao logro desta estrutura do capitalismo moderno sobre os indivíduos. Nela o que aparece como promessa de prazer é transformado em espetáculo, não permitindo a sublimação, mas propiciando a repressão. Neste contexto até mesmo a ironia, o humor e o riso que antes eram utilizados pela crítica esclarecida “como modo de desmascaramento das imposturas do poder, desmascaramento da contradição performativa entre procedimentos de justificação e a dimensão da ação” (SAFATLE, 2005: 134) são apontados como “alegria maldosa que se experimenta com toda renúncia bem sucedida. Rimos do fato de que não há nada que se rir.” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985 [1947], p.131). Isso gera implicações para estas manifestações de crítica e distanciamento do indivíduo da ideologia, “A ironia dizia: isso pretende ser tal coisa, mas é assim que é; hoje, toda via, mesmo em sua mentira radical, o mundo apela ao fato de que as coisas são assim, e essa simples constatação coincide, para ele, com o bem” (ADORNO, 1992 [1951]:185).

O que antes era uma forma de apresentar o objeto como ele é, permitindo a reflexão subjetiva a respeito da realidade, com a duplicação “fiel” do mundo pelas câmeras da Indústria Cultural perde o poder. A ironia já é colocada de antemão em operação pela indústria cultural, tornando-se a própria representação da “realidade”, um auto-engano para auto-conservação na infelicidade do sistema social. Aqui encontramos uma forma diferente de ideologia:

“A ideologia fica assim reduzida a um discurso vago e descompromissado nem por isso se torna mais transparente e, tampouco, mais fraca. Justamente sua vagueza, a aversão quase científica a fixar-se em qualquer coisa que não se deixe verificar funciona como instrumento de dominação. Ela se converte na proclamação enfática do existente (...) A nova ideologia tem por objeto o mundo enquanto tal. Ela recorre ao culto do fato, limitando-se a elevar – graças a uma representação tão precisa quanto possível – a existência do ruim” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985 [1947]: 138)

Marcuse (1979[1964]) também discutiu esta questão quando aborda novas formas de controle social em seu *O Homem Unidimensional*. A partir de alterações no processo de assimilação da sociedade pelo sujeito, que passa a ser algo quasi-mecânico, o indivíduo simplesmente se adapta à sociedade através de uma identificação imediata (mimese), um processo primitivo pelo qual é desbastada a dimensão de oposição ao *status quo*. A estrutura pretensamente eficiente do sistema submete os sujeitos aos fatos “brutos” da vida e a reprodução deste mesmo tipo de vida.

“Acabo de sugerir que o conceito de alienação parece tornar-se questionável quando os indivíduos se identificam com a existência que lhes é imposta e têm nela seu próprio desenvolvimento e satisfação. Essa identificação não é uma ilusão, mas uma realidade. Contudo, a realidade constitui uma etapa mais progressiva de alienação. Esta se tornou inteiramente objetiva. O sujeito que é alienado é engolfado por sua existência alienada. Há apenas uma dimensão, que está em toda parte e tem todas as formas. As conquistas do progresso desafiam tanto a condenação como a justificação

ideológica; perante o tribunal destas conquistas, a ‘falsa consciência’ de sua racionalidade se torna a verdadeira consciência.” (MARCUSE, 1979 [1964]: 31)

Na esteira dos desenvolvimentos filosóficos da Teoria Crítica, uma obra tratou desta questão de forma exclusiva. A *Crítica da Razão Cínica* de Peter Sloterdijk (1988 [1981]) desenvolveu uma distinção entre o cinismo antigo, representado por Diógenesⁱⁱ, e essa nova forma de manifestação do cinismo. O que antes era algo impactante e eminentemente individual e periférico, que dava as costas às contingências, valores e instituições da sociedade, tornou-se algo difuso e universal, que está em operação por pessoas inseridas dentro da lógica corrente da sociedade. Para Sloterdijk, a astúcia desta consciência cínica deixa a tradicional crítica ideologia parecendo ingênua e sua abrangência na sociedade como um todo deixa um sentimento de ‘crepúsculo da falsa consciência’.

Essa exposição nua do novo cínico não tem mais um efeito de desvelar a verdade do objeto, o que ocorre é que não há mais auto-confiança para o novo cínico mostrar sua crueza, ele se retira para um melancólico distanciamento que internaliza aquilo que ele sabe como se fosse algo para se envergonhar e, assim, as manifestações ofensivas de cínicos têm se tornado cada vez mais raras, e um humor falso tomou conta deste espaço, que “é forçosamente uma paródia até mesmo daquilo que há de melhor: a reconciliação”(ADORNO & HORKHEIMER, 1985 [1947]: 132).

Portanto, a alteração fundamental que está em jogo neste movimento de uma “falsa consciência esclarecida” é a não ingenuidade do sujeito da ideologia, que está plenamente consciente dos interesses particulares que sustentam argumentos universalizantes (o aspecto ideológico), mas mesmo assim continua a aceitar essa pretensa universalidade. Um sujeito cindido entre os princípios proclamados e sua prática (ZIZEK, 1992).

Nesta perspectiva, o cinismo aparece como mais um mecanismo de manifestação da ideologia, se o processo de inversão da realidade não é mais tão eficiente para a manutenção da dominação em nossa sociedade, ou pelo menos em alguns processos a crítica realizou sua função ou tornou-se óbvia e repetitiva, o cinismo surge como uma nova força ao processo de manutenção da formação social. Através do escárnio da pretensão de universalidade, a naturalização (ADORNO & HORKHEIMER, 1985 [1947]) do indivíduo fica latente, com isso, o indivíduo não toma consciência de sua subjetividade e reforça a condição de dominação na sociedade.

PRODUÇÃO BRASILEIRA EM ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

A discussão do cinismo parece ter um fértil potencial para o campo de Estudos Organizacionais como mais uma forma de manifestação da ideologia. Uma busca na produção brasileira do campo trabalhos sobre ideologia foi feita para tentar identificar trabalhos relacionados com esta característica peculiar da ideologia.

Davel e Alcadipani (2003) elaboraram levantamento da produção dos Estudos Críticos em Administração, observando os artigos publicados no Brasil sobre o tema de 1990 até 2000 em periódicos e nos anais do EnANPAD. O estudo categorizou os trabalhos e o tema ‘dominação e ideologia’ foi considerado o mais pesquisado, representando 36% da produção de estudos críticos no Brasil. A explicação dada pelos autores para tal concentração foi que:

“A alta concentração de estudos sobre a temática da dominação e da ideologia decorre das análises brasileiras existentes sobre: (a) a teoria administrativa como ideológica, refletindo os interesses das classes dominantes (TRAGTENBERG, 1974) e mascarando a exploração sofrida pelos trabalhadores (TRAGTENBERG, 1980) e (b) a produção e transmissão de ideologias pela organização, elemento fundamental para a manutenção do poder pela classe dos tecnoburocratas (PRESTES MOTTA, 1986,1992)” (DAVEL, ALCADIPANI, 2003: 78)

Sem dúvida, Tragtenberg e Prestes Motta introduziram o tema *ideologia*, na acepção marxista do termo, e balizaram o estudo no campo dos Estudos Organizacionais. Em uma breve pesquisaⁱⁱⁱ nas edições recentes do EnANPAD e ENEO, entre os anos 2000 e 2006, pode-se perceber como produção brasileira de Estudos Organizacionais tem se debruçado sobre as questões de ideologia.

A maioria dos artigos encontrados é um reflexo dos estudos elaborados por Motta e Tragtenberg, abordando a ideologia como “um conjunto de valores e crenças que visa à manutenção de uma determinada ordem social, ocultando os elementos que a ameaçam e lhe são inerentes” (PRESTES MOTTA, 1992, p.39). Esta condição, oculta e secreta da ideologia, coloca como tarefa aos acadêmicos a compreensão e a crítica dos conteúdos ideológicos produzidos e reproduzidos por meios simbólicos como discursos, artefatos, imagens (TRAGTENBERG, 1971).

Ainda fortemente ligados a esse pensamento, alguns trabalhos procuram definir e compreender o sentido de “crítico” nos Estudos Organizacionais, entendendo que o pensamento crítico deve, entre outras coisas, denunciar as ideologias e promover a emancipação social. Nota-se fortemente a visão que “a análise de qualquer instituição que não passe pelo nível ideológico é sempre incompleta, porque se limita ao imediatamente visível, quando geralmente o importante está naquilo que permanece oculto” (PRESTES MOTTA, 1992, p. 47).

Outra cepa de artigos trabalha a ideologia com um sentido diferente desta linha de pensamento marxista, considerando-a apenas como um conjunto de idéias, crenças e valores, que norteiam as organizações, sem se preocupar com os processos de dominação.

De maneira geral, mas especialmente nos artigos ligados aos Estudos Organizacionais, a ideologia é entendida como uma venda sobre a consciência individual, encobrindo os processos de dominação exercidos pela organização sobre os indivíduos.

Não há publicações brasileiras em Estudos Organizacionais preocupadas explicitamente com esta outra forma de manifestação da ideologia, contudo as portas para este caminho já foram abertas. O trabalho de J.H. Faria (2005) faz referência a processos de dominação e relaciona-os com uma razão cínica que

“sempre se mostra disponível para manifestar-se com seus surrados argumentos. Ainda que esta razão possa se colocar contra o poder, não consegue ser um contra-poder, pois nem um e nem outro são suficientemente bons para ela. Mais do que isto, a razão cínica pode se colocar ao lado do poder” (FARIA, 2005: 5).

Aquela razão que escancara a dominação é retratada como cínica e ligada ao projeto de poder, pois não consegue romper com este, ela se alia profundamente ao poder, reproduzindo-o. Faria conclui que devemos atentar para este cinismo, e os processos de dominação que estão intimamente ligados a esta forma cínica de se manifestar; “a verdadeira realização é aquela da razão cínica e de seu projeto de poder. É contra ela e seu acobertamento ao poder instituído que deve ser travado o verdadeiro combate.” (FARIA, 2005: 5).

Este caminho que começou a ser caminho aberto por Faria inspirado em Tragtenberg, parece se direcionar, ainda se que pareça muito com o tipo de crítica ao cinismo que encontramos em Lukács^{iv}, ao estudo do cinismo como uma manifestação da ideologia. Enquanto muitos críticos estão procurando formas ocultas de dominação, a ideologia passa a ser clara, direta e irônica.

Além disso, no âmbito internacional, alguns artigos ligados ao *Critical Management Studies* também abordam a questão da ideologia cínica, tanto para suas implicações para a subjetividade na organização, poder e controle (FLEMING & SPICER, 2003; GABRIEL, 1999).

Ainda temos, fora dos estudos que seguem a linha da Teoria Crítica, algumas análises que nos chamam a atenção, como trabalhadores com um “Caráter flexível” da relação entre indivíduo e organização (LACOMBE, 2002), ou “Homens-camaleão” (TONELLI & CALDAS, 2000) e alguns estudos que observam as atitudes dos trabalhadores em relação ao seu trabalho e suas experiências como “humor”, “ironia” e “risos” (RODRIGUES, 1995; WOOD & CALDAS, 2005). Estas análises, apesar de não se alinharem com os propósitos da linha de Teoria Crítica em Administração, podem ser férteis fontes de idéias para possíveis trabalhos relacionados à crítica da ideologia cínica nas organizações, uma vez que trabalham fenômenos que podem estar relacionados com a manifestação desta ‘falsa consciência esclarecida’.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sujeito cínico, conforme as suas raízes filosóficas aqui discutidas, é aquele que tomando consciência dos processos de dominação existentes na organização, apresenta-os tranquilamente, mostrando seu descaso com a Formação Social. O surpreendente é que apesar desta revelação, feita com desfaçatez, a dominação é reforçada, pois, apesar da franqueza do cínico, o processo de dominação continua inalterado, o cínico meramente se retira para um melancólico distanciamento que internaliza aquilo que ele sabe como se fosse algo para se envergonhar.

Primeiramente, a ideologia era entendida como a ‘câmera obscura’, a inversão da realidade que garantia a equidade em relações sociais desiguais. A Escola de Frankfurt, com o advento do nazismo, perde a esperança no processo emancipador da razão, chegando a se transformar em desespero; assim a razão em seu processo de transformar mito em esclarecimento e esclarecimento em mito, reproduz a dominação inerente à sociedade, mesmo que a razão evidencie a inversão operada pela ideologia, ela não é capaz de transformar as condições de produção e reprodução da sociedade: o cinismo começa.

Se o papel dos críticos era evidenciar as formulações ideológicas, acreditando que a revelação da desigualdade por elas operada seria suficiente para a tomada de consciência do sujeito de sua alienação e com isso iniciar um processo de ruptura; com a ideologia em sua expressão cínica a revelação já está aparente. A pergunta que se coloca então é: Quais são as possibilidades de ação Crítica diante deste cinismo?

Frente a essa forma diferente de manifestação da ideologia a crítica se torna ingênua, pois não se pode subverter essa “falsa consciência” simplesmente porque ela já é esclarecida em relação ao texto ideológico outrora ocultado. Os indivíduos “sabem muito bem que, em sua atividade real, pautam-se por uma ilusão, mas, mesmo assim, continuam a fazê-lo”(ZIZEK, 1992: 63). Mais do que explicar o fetichismo da mercadoria para os sujeitos, a análise crítica deve retirar a carga ideológica na própria efetividade da vida social. Ao ensinar a Teoria Crítica para alunos de administração, certamente eles irão compreender e se esclarecer sobre as sutilezas e descabros praticados nas organizações, porém, quando forem exercer sua profissão diariamente, viverão o conteúdo ideológico, como se a ideologia não estivesse mais apenas nas idéias, mas também na própria ação.

A manifestação da ideologia cínica se ocorre na ação, pois quando o administrador, por exemplo, reconhece que os funcionários sofrem com a opressão no ambiente de trabalho, porém continua a praticar ações que corroboram com essa opressão, a ideologia cínica se manifesta e a prática opressora também se naturaliza.

“ser inteligente e ainda assim atuar em seu trabalho, isto é a consciência infeliz em sua forma modernizada, afligida com o esclarecimento. Tal consciência não pode tornar-se muda e confiar de novo; a inocência não pode ser restabelecida. Ela persiste em sua crença na atração gravitacional das relações à qual está presa por seu instinto de auto-preservação. Dentro por um centavo, dentro por um cruzeiro. Com dois mil Reais líquidos por mês, o contra-esclarecimento silenciosamente começa; ele se financia pelo fato que todos que tem algo a perder entram em um acordo privado com sua consciência infeliz ou a escamoteia com ‘engajamentos’”. (SLOTERDIJK, 1988 [1981]: 7, tradução nossa)

O presente ensaio não teve a pretensão de exaurir o tema do cinismo como mecanismo ideológico, mas sim de introduzir a discussão desta perspectiva de estudo na Teoria Crítica em Estudos Organizacionais. Diversas abordagens podem ser utilizadas para aprofundar a compreensão deste tema, com destaque à psicanalítica, pela leitura das obras clássicas de Adorno, Freud e Lacan e de autores atuais como Slavoj Zizek e o filósofo brasileiro Vladimir Safatle. Gostaríamos de refletir sobre *as possíveis posturas do pensamento crítico frente a esta nova manifestação da ideologia? Que tipo de ação é possível para retomar o processo de emancipação frente ao cinismo? É possível algum ensino Crítico que possa impedir a reprodução da dominação?*

Referências

- ADORNO, Theodor W. *Mínima Moralía: Reflexões a Partir da Vida Danificada*. São Paulo: Ática. 1992.
- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- BENHABIB, Seyla. *A crítica da razão instrumental*. In: ZIZEK, Slavoj(org). Um Mapa da Ideologia. Rio de Janeiro: contraponto. 1996.

CALDAS, M. P. ; TONELLI, M. J. *O homem camaleão e modismos gerenciais: uma discussão sociopsicanalítica do comportamento modal nas organizações*. In: PRESTES MOTTA, F.C.; FREITAS, M.E. (Org.). *Vida Psíquica e Organização*. Rio de Janeiro/RJ: FGV, p. 131-148, 2000.

DAVEL, E.; ALCADIPANI, R. *Estudos Críticos em Administração: a produção científica brasileira nos anos científica brasileira nos anos noventa*. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 43, n. 4, 2003.

EAGLETON, Terry (ed.). *Ideology*. Londres: Longman. 1994.

FARIA, José Henrique de. *Poder, Saber e Razão Cínica: quando o poder arromba a porta o saber sai pela janela?* *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, N.53, out, 2005. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/053/53faria.htm>. Acesso em: 21/03/2008.

FLEMING, P. and SPICER, A. *Working from a Cynical Distance: Implications for Power, Subjectivity and Resistance*. *Organization*, Londres, v.10, n.1,157-179, 2003.

FUKUYAMA, Francis. *The End of History and The Last Man*. Nova Iorque: Free Press. 1992.

GABRIEL, Y. *Beyond Happy Families: A Critical Reevaluation of the Control-Resistance-Identity Triangle*. *Human Relations*, Londres, V.52, n.2, 179-203, 1999.

HORKHEIMER, Max. *Teoria tradicional e Teoria Crítica*. In. *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural. 1989.

KANT, I. (1774). Resposta à pergunta: Que é “esclarecimento”? (1784). In: I. Kant, *Textos Seletos: Kant* (pp. 100 - 117). Petrópolis: Editora Vozes.

LACOMBE, Beatriz Maria Braga. *A relação indivíduo-organização: é possível não se identificar com a organização?* *Encontro Nacional de Estudos Organizacionais*, 2, 2002. Recife, PE. *Anais. Recife, PE: ANPAD, 2002. CD-ROM*

LUKÁCS, Georg. *Historia y consciencia de clase*. Barcelona: Ediciones Grijalbo S.A., 1975.

MARCUSE, H. *A Ideologia da Sociedade Industrial: O Homem Unidimensional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 1979.

MARX, K. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo. 2004.

MARX, K. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Livro I. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2002.

MARX, K; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Grijalbo. 1977.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Hucitec, 1991.

PRESTES MOTTA, F. C. *Organização e poder: empresa, estado e escola*. São Paulo: Atlas, 1986.

PRESTES MOTTA, Fernando C. *As Empresas e a Transmissão da Ideologia*. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.32, n.5, p.38-47, nov/dez, 1992.

PRESTES MOTTA, Fernando C. *As Empresas e a Transmissão da Ideologia*. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.32, n.5, p.38-47, nov/dez, 1992.

RODRIGUES, Suzana Braga; COLLINSON, D. *Having Fun? Humor As Resistance In Brazil*. Organization Studies, Londres, v. 5, n. 16, p. 739-768, 1995.

SAFATLE, Vladimir. *Sobre um riso que não reconcilia: Ironia e certos modos de funcionamento da ideologia*. Margem Esquerda: Ensaios Marxistas, São Paulo, V. 5, 2005.

SLOTERDIJK, Peter. *Critique of Cynical Reason*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988.

TRAGTENBERG, M. *Administração Poder e Ideologia*. São Paulo: Moraes, 1980.

TRAGTENBERG, M. *Burocracia e Ideologia*. São Paulo: Ática, 1974.

TRAGTENBERG, M. *A Teoria Geral da Administração é uma Ideologia?* Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.11, n.4, p.7-21, out/dez, 1971.

TRAGTENBERG, M. *A Teoria Geral da Administração é uma Ideologia?* Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.1,1 n.4, p.7-21, out/dez, 1971

WOOD JR, T; CALDAS, M. P. *Rindo do que? Como consultores Reagem ao humor crítico e à ironia sobre sua profissão*. Organização & Sociedade, Salvador, v. 12, p. 83-102, 2005.

ZIZEK, Slavoj. *Eles Não Sabem o Que Fazem: O sublime objeto da Ideologia*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1992.

ⁱ Ver também Manuscritos Econômicos Filosóficos (2004 [1941])

ⁱⁱ Diógenes de Sínope foi um filósofo grego representante da corrente cínica da filosofia antiga. Viveu no século quarto Antes de Cristo.

ⁱⁱⁱ Realizamos a pesquisa em palavras-chave, títulos e resumos dos seguintes termos: *ideologia, falsa consciência, cinismo, ironia e humor*. Foram encontrados 13 artigos nas edições da EnANPAD, sendo que 7 pertencem a divisão "Estudos Organizacionais". Já nas 4 edições do ENEO, encontramos 4 trabalhos.

^{iv} "Por suas contradições internas o capitalismo, a burguesia e sua cultura se afundam em crise, de um lado a total esterilidade de uma ideologia divorciada da realidade e de outro um cinismo, não menos terrível, coopta vidas por irrelevâncias e nulidades históricas do mundo de sua própria existência e se preocupa somente com a defesa daquela existência com seu próprio interesse" (LUKÁCS apud EAGLETON, 1994: 46)